



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 95/2010
Contatos: secretaria@isb.org.br

O FILME DO LULA

Eu vi o filme do Lula e já posso imaginar o caudal de matérias críticas que a mídia derramará sobre ele, como já está derramando, explorando a fraqueza da bilheteria em relação aos números fabulosos que foram anunciados com base na popularidade do personagem vivo.

O filme de Fabio Barreto oferece, de fato, muita munção para esse bombardeio a que me refiro, seja pela reduzida capacidade de erçar emoções e curiosidade, já que o curso da narrativa é largamente conhecido; seja pela evidência do propósito de fazer do Filho do Brasil um verdadeiro Herói Nacional. Aspecto este que, além de ser esperado por quem vai ao cinema assisti-lo, abre um largo flanco à repreensão política pela sua apresentação no ano eleitoral de sua sucessão na Presidência.

O que o povo assistente vai dizer é que é isso mesmo, que se trata de fato da estória real de um verdadeiro Herói Nacional. E a defesa política acrescentará que o filme mostra tão-somente o lado humano da vida de Lula, até sua ascensão como líder sindical, já que nada da sua atividade política posterior é sequer mencionado. E assim a única crítica aceitável, nessa perspectiva, seria a elisão inexplicada (inexplicável a não ser pela intenção política de só mostrar a face positiva), a supressão do episódio amoroso envolvendo a mãe da Lurian, importante, sem dúvida, na perspectiva da face humana do herói. Vamos convir em que é mesmo uma das graves fraquezas do filme. Assim como dá para concordar com a crítica feita sobre o momento da exibição, aceitando que seria mais oportuna, pareceria mais verdadeira a apresentação do Herói Nacional, caso fosse exibida após o fim do seu mandato presidencial.

Mas creio que vale chamar a atenção para um ou dois pontos muito importantes, não esperados, que valorizam bastante o filme. Um deles, visto pelo lado humano que a estória quer mostrar, é que o conto quase se transforma na exaltação da Heroína, mais que do Herói, a Mãe do Brasil, Dona Lindu; ela é, na verdade, a grande força humana da narrativa, e a fita se encerra com a sua morte. É uma feição muito bonita do filme, épica mesmo, evidentemente verdadeira, que ressalta uma particularidade relevante da dura realidade sociológica brasileira.

O outro ponto bastante positivo e digno de menção no filme de Barreto é o destaque dado à qualidade principal da personalidade pública de Lula, que é seu extraordinário talento de negociador, sua sensibilidade fina para avaliar o limite do viável no avanço, seu bom senso nessa avaliação, e sua coragem de avançar com decisão até esse limite. Tudo isso somado à sua excepcional capacidade de comunicação com o homem do povo brasileiro. Estas, realmente, são as qualidades que fizeram de Lula o grande líder político que é. Aliás, é de se reconhecer como notável a habilidade do ator na reprodução da fala de Lula, que ele deve ter estudado com afinco, o jeito no dizer as coisas, a formação e a entonação das frases, até no timbre roufenho da voz, a reprodução feita por Rui Ricardo é perfeita.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 95/2010
Contatos: secretaria@isb.org.br

Mas há pelo menos um outro ponto de grande destaque na qualidade da liderança de Lula, que é bem mostrada no filme. É a novidade de uma liderança que fugia completamente aos dois padrões característicos do sindicalismo brasileiro até aquele momento dos anos sessenta: Lula não era nem pelego, como a maioria dos trabalhistas que se aproveitaram pessoalmente da condução democrática do Governo Jango, nem comunista, como os que professavam a ideologia que queria derrubar o capitalismo, mudar o sistema econômico. Lula se afirmou como líder que defendia de fato o trabalhador mas não era pelego nem comunista, era de um padrão diferente que aparecia pela primeira vez na História do nosso sindicalismo. Aparecia assegurando e convencendo que queria essencialmente negociar para melhorar a condição dos companheiros, negociar em greve, se necessário, contrariando e enfrentando os empresários que preferiam negociar sem greve, mas queria apenas negociar melhorias efetivas para os trabalhadores. Um líder que era operário mas não era contra os patrões, os quais, como ele mesmo dizia, afinal de contas, eram os que davam os empregos e pagavam os salários.

Isso era novo; era bem novo no movimento sindical brasileiro. Tão novo que arrebatou o sentimento do operariado. O momento era propício: a guerra fria prosseguia no mundo e a radicalização esquerda-direita ainda vicejava no Brasil, mantendo forte a reação anti-comunista que havia levantado as classes média e empresarial em apoio ao golpe militar. Reação que violentava os trabalhadores organizados em geral, disseminando entre eles um natural temor, que resvalava para uma tendência a um defensivo repúdio às lideranças comunistas. Há um outro filme na praça, um documentário, muito bem feito, que retrata bem as tensões e a radicalidade do momento, o "Cidadão Boilesen". Pode não ser proposital a coincidência das exposições, mas a verdade é que as duas fitas se complementam.

A esquerda tradicional desconfiou de Lula naquele seu primeiro momento de ascensão, assim como os nacionalistas mais ortodoxos, que viam o novo líder, promovido pela Veja e pelo General Golbery, como um fantoche do imperialismo, inocente útil que favorecia as forças golpistas e capitalistas.

Os anos seguintes esclareceram o fenômeno, a força do movimento sindical do ABC paulista quebrou a rigidez opressora da ditadura e foi uma das alavancas principais do movimento de restauração democrática. Lula compreendeu então que era necessário o seu envolvimento com a política, mas continuou recusando a filiação a qualquer dos partidos tradicionais da esquerda: fundou o Partido dos Trabalhadores, novo, e, sempre que indagado, se era socialista, comunista ou trabalhista, ele respondia que era torneiro mecânico. Era diferente.

Mas estes são os traços políticos, o desenvolvimento natural da liderança de Lula que o filme não mostra, nem pretende mostrar, reduzindo sua perspectiva à narração da vida de um brasileiro da condição excluída que, pela sua têmpera e pelo seu talento de negociador, comunicador e organizador, se afirma como um novo Herói Nacional na virada do século.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br